

vol. 2, nº 5, jan-mar/2021
natal – rio grande do norte
periodicidade trimestral

CARAVELA

e-REVISTA POTIGUAR DE CULTURA E ARTE



revista	Caravela e-Revista Potiguar de Cultura e Arte
editora	Caravela Selo Cultural
editores	José Correia Torres Neto e Sérgio Caetano
conselho editorial	Alexis Peixoto Sheyla Azevedo Cícero Oliveira Ruy Alkmim Rocha
revisão ortográfica/gramatical	Responsabilidade de cada autor
revisão tipográfica	José Correia Torres Neto
bibliotecária	Verônica Pinheiro da Silva
projeto gráfico, tratamento de imagens e diagramação	Fernanda Oliveira
imagem das 1ª e 4ª capas	Exposição cultural CIENTEC 2018
crédito das fotografias das 1ª e 4ª capas	José Correia Torres Neto
autores	Alessandra Augusta André Flores Damião Paz Gaby Adaaayo Herison Pedro Jari Judson Andrade Lu Sabino Sílvio Guedes Stéphanie Moreira Garamond e Univers LT Std Trimestral [jan - mar 2021]
tipologia	
periodicidade	

Catálogo da Publicação da Fonte: Elaborada por Verônica Pinheiro da Silva CRB-15/692.

Caravela: e- revista potiguar de cultura e arte [recurso eletrônico] / José Correia Torres Neto (Ed.). – ano 2, n. 5 (jan. 2021) – . Natal: Caravela Selo Cultural, 2020-

Vol. 2, n. 5 (jan. 2021).

Trimestral.
Resumo em português e inglês.
ISSN 2675-5114
ISSN 2446-9068 (versão impressa)

1. Literatura : Rio Grande do Norte - periódico. 2. Diálogo. 3. Arte. 4. Cultura.
5. Registro. I. Caravela Selo Editorial. II. Torres Neto, José Correia.

CDU 821.134.3 (813.2)

Os conteúdos, as opiniões e as conclusões apresentadas nesta edição são de inteira responsabilidade dos respectivos autores.
É proibida a reprodução total ou parcial dos textos e imagens, em qualquer suporte, sem a prévia autorização dos autores e da editora. Mesmo autorizada, será obrigatório referenciar a revista como fonte principal.

Contato com a editora: caravelaselocultural@gmail.com

CARAVELA

e-REVISTA POTIGUAR DE CULTURA E ARTE

vol. 2, nº 5, jan-mar/2021
natal – rio grande do norte
periodicidade trimestral

editorial

Aceitar o convite de uma e-revista para conduzir a editoração de uma edição voltada para publicar e se fazer conhecer artistas negros e negras da capital do Rio Grande do Norte mexeu de forma impactante, confesso. Mas, nada tão perto de tudo que li em cada relato desses artistas. Entender o percurso de um corpo negro, no ramo da arte, numa sociedade classista, machista, racista, misógina, homofóbica e que se vangloria de suas heranças desumanas, sem dúvida é muito maior do que eu imaginava.

As mulheres e os homens que trilham esse caminho, são de uma potência criativa, transformadora e impactante como nunca se viu, alguns poderiam dizer. Mas não é, e isso não os diminui em nada, pelo simples fato de que nossos ancestrais já haviam trilhado esse mesmo caminho, vivenciaram as dificuldades e os desafios para que esse momento chegasse na cidade de Natal: pretos, pretas e ‘pretes’ fazendo, respirando, vivenciando, expandindo e exalando arte. Justamente num momento tão delicado que nosso povo está tendo que sobreviver. A cada momento, em que o desgoverno se mune de estratégias massivas de extermínio da população em meio a uma pandemia que já matou mais de 400 mil pessoas, e dentre essas, a grande maioria preta. Portanto, se faz necessário registrar para os que virão entenderem que, os que estiveram vivos nesse avassalador instante mundial pandêmico, irão dar continuidade ao que os que já estiveram aqui antes de nós fizeram: resistir

e enfrentar. Nessa edição temos artistas das seguintes áreas: gastronomia, cinema, fotografia, design de som, artesanato decorativo, poesia, artes visuais, moda afrofuturista, costura ancestral e teatro.

É com imensa alegria que parablenizo cada artista que se fez presente nessa edição por sua coragem, por sua herança genética e por acreditar que juntos somos inquebrantáveis. E aviso aos que ficaram de fora dessa riquíssima edição: haverão outras.

Parabéns também ao Caravela Selo Cultural que com sapiência, empatia e seriedade fez o que nenhuma outra publicação potiguar fez até o momento: mostrar ao povo dessa cidade a lindeza da potência criativa azeviche de homens e mulheres que trazem no corpo, no Ori e na essência o encantamento de deuses e deusas africanos. Os caminhos estão abertos e assim dizemos: Laroyê.

SÉRGIO CAETANO

Escritor, publicitário e cineasta

sumário

- uma mulher preta,
guerreira, baiana de
acarajé, neta e filha de
baianas de acarajés** 07
Jaricelia Nobre Nascimento
- a estética do afeto
no audiovisual** 09
Sílvio Guedes
- um arco-íris
artístico na costura** 12
Judson Andrade
- estética é fundamento** 14
Stéphanie Moreira
- a energia que
contorna o abstrato** 21
André Flores
- encenando para
realizar o impossível** 22
Alessandra Augusta
- olhando detalhes e
comportamentos sociais** 24
Damião Paz

uma voz que ecoa o lírico 35
Lu Sabino

escutar é uma arte 37
Herison Pedro

**transceder e transformar-se
através da arte** 40
Gaby Adaaayo

uma mulher preta, guerreira, baiana de acarajé, neta e filha de baianas de acarajés



Legenda: Jari, fundadora
do Acarajé da Jari
Crédito da imagem: Cássia Barros
Instagram: @acaraje_da_jari

Vou iniciar falando sobre minha trajetória, o tudo que vem antes de mim. Porque eu só sou baiana de acarajé, e sou a terceira geração da minha família, porque sou filha e neta de baianas de acarajé. Tudo começou por minha avó, Dona Célia, filha de Obaluaê, teve dez filhos, não achando pouco ainda adotou uma, sendo sete filhas mulheres, e todos os filhos se envolveram no comércio de acarajé, mas, todas as sete filhas viraram baianas de acarajé. Inclusive minha mãe, que é a segunda filha mais velha, porém, como ela era uma pessoa que se destacava entre as filhas, ela parecia a filha mais velha da minha avó. E é nessa mulher que eu tenho me espelhado pra seguir minha trajetória, Jacira, filha de Oyà e baiana guerreira e vencedora, uma lutadora que venceu por meio do acarajé.

Eu não comecei a vida sendo baiana de acarajé, porém na minha família, o principal pilar econômico é o acarajé. Ele formou a primeira, a segunda e a terceira geração. E acredite, não foi a minha primeira opção não. Mas, minha

trajetória começa aqui no Rio Grande do Norte, eu resolvi assumir a função também, queria sair de Salvador/BA. Eu já vivenciava essa vida já com minha mãe em feiras e eventos. Nessa época eu resolvi me separar e sair de Salvador e vir para Natal, aqui, um dia despertou o acarajé. E eu comecei exatamente no dia 20/01/2011, minha estreia em Pium, essa data é o aniversário de minha avó Célia, a “rombona”.

Logo depois mudei para o espaço que estou hoje, e dia 05 de agosto, inaugurei nesse espaço, e acredite, não foi proposital, mas é o dia do aniversário de minha mãe, Dona Jacira. Ou seja, tenho duas inaugurações, 20 de janeiro e 5 de agosto, coincidentemente (ou não) os aniversários das mulheres pretas que me antecederam. De lá pra cá, são 10 anos de corrida, comida e culinária no RN.

Interessante é que primeiro eu não queria ser baiana de acarajé, porquê dá muito trabalho. É muito trabalho mesmo e todo bom baiano sabe que baiana de acarajé não trabalha sozinha. Tem toda uma estrutura familiar em volta. Filhos, marido, irmãos, tios e tias, e nós sempre trabalhamos com estrutura familiar. E eu aqui sozinha, achava muito pesado pra fazer, mas decidi encarar assim mesmo. Mudei a forma de agir e repensei em formas de fazer que me deixasse mais confortável de trabalhar, busquei um lugar fixo pra não ter que ficar montando e desmontando tudo. Exceto nos eventos, que não tem jeito, é trabalho duro e cansativo mesmo.

Apesar da baiana do acarajé ser tombada, patrimônio e as pessoas terem muita curiosidade em volta da baiana, as vezes não é nem do acarajé. Querem chegar perto, tirar foto. Fora da cidade de Salvador, o acarajé não é tão popular, e você adentrar certas culturas é bem complicado. Mas, o que acontece: quando cheguei em Pium, fiquei totalmente fora do circuito turístico de Natal e minha sorte é que aqui tem gente de tudo que é lugar. Mas é muito difícil entrar no gosto popular, porque tem a não valorização do trabalho. As pessoas não conhecem a matéria prima e nem o trabalho desenvolvido para que o produto final chegue até o consumidor, então eles não valorizam.

Quanto a espaços, não achei dificuldade porque eu sou uma mulher muito gaiata, não é essa a palavra [risos], assim, eu sou uma mulher que enfrenta, então eu boto o pé e entro, eu tenho uma coisa que minha avó tinha e que passou para gente que é essa majestade né? Minha avó era majestosa, ela passou isso pra gente. Tenho auto estima muito elevada para alguém colocar barreiras em mim. É difícil, óbvio, porque mulher é sempre vetada como sexo frágil e mulher preta não pode entrar. Mas aí, eu sou baiana de acarajé, as pessoas têm um certo receio de ir para o enfrentamento, e aí eu meto os pés, os braços e vou entrando, vou pedindo licença, mas vou entrando. Não aceito não como resposta e aí a gente vence assim: na força, a gente dá a cara a tapa, a gente entra e se joga.

Eu estou querendo sair pra outras histórias, conquistar outros mercados, outros eventos, outras cidades, ir até onde minha mãe não foi. Tenho essa visão, não sei como será, mas eu não vou desistir. Pra chegar em outra cidade e ser aceita não é fácil, mas quando você é organizada com seu lado espiritual tudo flui, e eu cuido muito do meu lado espiritual. Faço minhas preces, minhas orações, meus Ebós em dia, organizo o meu povo. Acredito no candomblé. Eu cultuo, no que se fala de espiritualidade, a minha é bem afluada e a gente se utiliza desses meios para abrir os caminhos, então aonde eu chego, eu sempre encontro alguém que vai querer fazer algo por mim.

Tenho muitos planos, quero entrar em grandes espaços, eventos e que não tem a presença da mulher preta, que não tem a presença da baiana de acarajé, onde não tem a presença da culinária cultural. E eu falo isso a nível Brasil, assim que acabar a pandemia minha intenção é ir a outros lugares e fazer como a minha mãe que foi a primeira baiana a colocar acarajé no Centro de Convenções de Salvador, onde era proibida a entrada de baiana nos anos 1980 lá.

Eu quero muita coisa, e tudo que eu quero é para servir de exemplo, de incentivo a outras mulheres, as crianças, aos mais novos que vem chegando. Que nada é impossível, que a gente pode estar onde quisermos. Eu quero mostrar

as pessoas que é possível chegar sim, fazendo uma atividade familiar, uma comida de santo, porque acarajé é uma comida de santo. Eu quero ser exemplo, quero ser incentivadora da juventude negra, expandir essa ideia de chegar com o trabalho. Eu vou ficar muito rica trabalhando e vendendo acarajé, entendeu? Mas, ficar rica para todos, não só para mim, pois quando uma mulher preta cresce, ela arrasta multidões. E eu não estou sozinha, tem uma multidão. Essa conversa que ninguém larga a mão de ninguém, isso é conversa, é história. Quem não larga a mão de ninguém, é a mulher preta. A mulher preta sempre segura na mão dos seus porque ela sabe que tem muita responsabilidade com quem vem depois. Esses são os meus sonhos. Alcançar o máximo que eu puder alcançar, servir de exemplo, servir de incentivo e incentivar outras pessoas, o que eu já faço, pois eu sempre estou dizendo e eu já vejo resultados de pessoas que se espelharam em mim e tá dando super certo. Tenho um sonho de ir conhecer o resto de minha família que vem de África, e eu tenho que ir lá buscar, saber, conhecer, saber de onde eu vim. Eu tenho um bisavô africano que eu preciso conhecer a história dele lá. Tem muitas coisas que eu tenho que fazer, mas isso é uma coisa que eu vou fazer mesmo. É isso!

“[...] eu sou uma mulher que enfrenta, então eu boto o pé e entro, eu tenho uma coisa que minha avó tinha e que passou para gente que é essa majestade né? [...] É difícil, óbvio, porque mulher é sempre vetada como sexo frágil e mulher preta não pode entrar. [...] Não aceito não como resposta e aí a gente vence assim: na força, a gente dá a cara a tapa, a gente entra e se joga.”



a estética do afeto no audiovisual



Legenda: Sílvio Guedes, idealizador, produtor e pesquisador audiovisual
Crédito da imagem: Luana Melo
Instagram: @reflexilvio

Sílvio Guedes é o idealizador, produtor e pesquisador audiovisual, com formação em Comunicação Social – Radialismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Colaborou com o Núcleo Mareia, de pesquisa e extensão do Departamento de Comunicação, atuando na organização e curadoria do Festival Curva do Rio, primeiro festival nacional de curtas-metragens universitários do Rio Grande do Norte. Em 2020, finalizou o documentário *No silêncio desses dias estranhos* e atualmente, dedica-se à pesquisa acerca do cinema contemporâneo junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, bem como à direção de *Encruzilhada*, curta-metragem natalense que se encontra em fase de pós-produção.

Classicismo e racionalidade se afogam em correntes de subjetividade. arte que destrói sentidos frente a estranheza e ao absurdo de um mundo que foge e não se captura senão por meio de sensações. Olhar já não é suficiente, aqui se mostra o que não se pode ver: transbordamento que a consciência sozinha não consegue comportar. Na curva do rio o cinza da vida se dilui em cores que já não representam, mas, em contrapartida são. Assim tão reais quanto.

Sílvio Guedes

O texto anterior foi escrito para a ocasião de abertura de uma das mostras do Festival de Cinema Universitário Curva do Rio, de 2018, e fala não apenas sobre o conceito do festival, forjado a partir de estudos bibliográficos e filmográficos realizados junto ao Núcleo Mareia, de pesquisa e extensão da UFRN, com o qual colaborei durante a graduação, mas sobre uma forma cinema com a qual busco me identificar.

É notável que com o avanço do capitalismo e da globalização, as relações sociais passaram a ser regidas, cada vez mais, pela economia. São o mercado transnacional e as elites econômicas que orientam a experiência com o auxílio da mídia e das tecnologias, que por sua vez contribuem, às custas da cultura, com a perpetuação de uma distribuição desigual de poder na sociedade.

Com relação ao cinema não seria diferente. Após o seu surgimento e em sua maior parte, o cinema se estabelece como espetáculo, condenado a representar realidades que lhe são preexistentes e a contar histórias dentro dos moldes já estabelecidos do teatro e da literatura – se fechando, portanto, a suas próprias potencialidades estéticas –, e servindo como ferramenta para o controle social por meio da propaganda política e da publicidade. Compondo, assim, uma forma padronizada que solicita do espectador tão somente a suspensão da descrença necessária ao encantamento, sem convidá-lo a reflexão acerca dos processos em atividade.

Sabemos, contudo, que não só a mídia exerce influência sobre nossos modos de ser e de nos organizarmos, como ela própria tem origem e se desenvolve no interior de um processo histórico de reordenamento social, sendo pensada, mantida e modificada por grupos e indivíduos, o que abre espaço para a discussão acerca de um suposto potencial democrático que possui.

Levando em consideração a importância do afeto, tanto para a nossa apreensão do mundo, como em nossas tomadas de decisão e na orientação das nossas ações, busco me identificar com uma forma cinema que apresente alternativas à standardização promovida pelo mercado, possibilitando novas formas de percepção, a partir de uma reeducação do olhar por meio da estética. Uma vez que, é por meio das suas formas que a mídia nos toca a sensibilidade e produz seus sentidos, trabalhando na conformação de comportamentos e de identidades sociais.

Assim sendo, quero ser capaz de promover, seja por meio da realização ou da pesquisa, um cinema que se divorcie da lógica de ação e reação do modelo de espetáculo e não se limite a contação de histórias. Que não busque apenas representar uma realidade que o precede, mas inscrever no mundo sua própria potência. Assumindo e revelando, assim, seu caráter criativo e subjetivo, ao invés de forjar uma objetividade e uma imparcialidade, que mesmo inexistentes, são apropriadas pelo discurso da grande mídia a fim de mascarar uma ideologia pautada quase que exclusivamente no lucro, e que tanto reflete a, quanto interfere numa realidade sócio-histórica cada vez mais orientada pela cultura do consumo.

Que possamos, então, acessar um cinema que não mais requer uma renegação do espectador em relação às ilusões que cria, mas antes convida-o ao distanciamento crítico. Cujas reflexividade se propõe a criação de novas formas, conscientes do seu papel social. E que se chega representar algo, é tão somente uma ruptura em relação às tradições do modelo industrial que se solidificaram ao longo do último século.

Defendo, assim, que é possível estabelecer outros tipos de acesso à realidade nos quais a imagem não mais se funda em relação com alguma coisa que não é ela própria. Tal pensamento traz uma luz sobre o potencial político do cinema, uma vez que o enxerga enquanto processo que culmina em uma nova forma, parcela da realidade que não preexiste à sua organização, sendo, portanto, um ato de criação.

Que enquanto espectadores, sejamos convidados a nos retirar da posição de passividade que nos é comumente destinada e adentrar as narrativas para participar de sua construção. Da construção do real!!!

obras realizadas

No silêncio desses dias estranhos é um curta documental/ensaístico de três minutos gravado e finalizado em 2020. Fala sobre a experiência (por vezes individual e subjetiva, mas também brasileira e universal) do isolamento social e, de forma mais geral, sobre o ano de 2020. Produzido inteiramente em uma mesma locação (em casa!), reflete a solidão que muitos de nós fomos convocados a encarar no contexto da pandemia da Covid-19. Assim sendo, com uma equipe de um sujeito só, escrevi, narrei, captei, montei e finalizei. Apesar do que se diz sobre a necessidade de grandes equipes para a realização cinematográfica, gosto de pensar que outras formas de criação são possíveis.

Link do filme:

<https://youtu.be/VmbJDgZpc7k>

Encruzilhada trata-se de um curta-metragem ficcional que conta a história de Kamal, jovem dançarino negro que trabalha em um bar. A vulnerabilidade e a falta de incentivo não o permitem dedicar-se a sua paixão tanto quanto gostaria, e sua frustração acaba reverberando em suas relações pessoais. Como um bom dançarino, Kamal precisa de movimento, e tenta encontrá-lo em conexão com a sua ancestralidade.

“[..]quero ser capaz de promover, seja por meio da realização ou da pesquisa, um cinema que se divorcie da lógica de ação e reação do modelo de espetáculo e não se limite a contação de histórias. Que não busque apenas representar uma realidade que o precede, mas inscrever no mundo sua própria potência. [...]”



um arco-íris artístico na costura



Legenda: Judson Andrade,
fundador do Ateliê Araká
Crédito: Disponível e cedida
do acervo de Judson Andrade
Instagram: [intagram.com/ateliearaka](https://www.instagram.com/ateliearaka)

Meu nome é Judson Andrade, um homem gordo, preto, LGBTQIA+ e de terreiro, fundador do Ateliê Araká em 2017, batuqueiro da Nação Zamberacatu, integrante do Quilombo Flor de Milho, graduando em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e performo a Inddiegente Zu.

A escolha pela costura não se deu de uma forma muito natural, o encontro com a máquina de costura foi interrompido por uma admissão numa empresa onde as minhas mãos foram direcionadas a carregar peso, tubulações, encaamentos e levar fardos de cal com mais de 40 quilos aos meus ombros. Trabalhei aos fins de semana durante alguns meses em um ateliê de costura de um grande amigo, lá eu só cortava os tecidos para serem transformados em ursos de pelúcia e depois só pegava neles, já costurados, para dar acabamentos e embalar. Quando tive a chance de aprender a costurar eu recebi a notícia que seria contratado por uma empresa de material de construção. Começaria as aulas

no fim de semana, antes disso recebi a ligação que deveria apresentar documentos para a contratação, o ano era 2012. Algum tempo se passou e pedi para ser demitido quando pudesse, minha solicitação foi atendida no nono dia de 2017, deslumbrado com o dinheiro da rescisão acabei gastando com presentes, experiências e outras coisas supérfluas, quando estava quase acabando decidi comprar despretensiosamente uma máquina de costura e uns tecidos para fazer minhas roupas, lembrei do desejo de costurar que nutri um dia. Foi o que me restou.

Sou candomblecista, filho de Oxumaré, iniciado em 2015 no Ilê Axé Jitaloyá e a confecção das roupas para nós e os orixás fazem parte desse processo, é um ritual. Quando houve o processo de iniciação o que poderia ser apenas um detalhe se tornou um estresse: a primeira costureira não terminou a roupa do orixá a tempo e foi preciso levar para outra que costurou a roupa errada. Esse ocorrido também me fez querer costurar, principalmente a roupa do meu santo.

Em 2017 decidi aproveitar uma oportunidade e morar fora da casa da minha mãe, surgiu aí a necessidade de me manter e a costura foi a opção escolhida, um caminho foi sendo criado aos poucos. Estreitei laços com meu pai e descobri que ele gosta de costurar celas de cavalo e meu avô era um alfaiate numa formação interrompida pelo ingresso nas forças armadas, mais tarde soube que minha avó costurava quando mais nova e minha mãe pegava na máquina de vó para fazer abainhados. No mesmo ano fiz alguns cursos de costura em instituições diferentes e nesse caminho fui experimentando costurar roupas pra eu usar no dia a dia e também no terreiro, fazendo saias e batas como eu achava que eram feitas, por uma grande parte do tempo eu costurei de forma intuitiva e fui aprimorando, aprendendo com os erros e desenvolvendo técnicas para ficar mais bem acabado e profissional. Concomitante a esse processo fazia ecobags dupla face com os tecidos que sobravam das roupas, em seguida desenvolvi a carteira, ambas as peças continuam sendo vendidas no Ateliê mas em outras versões mais acuradas.

As dificuldades de ser um homem preto e LGBTQIA+ no Brasil são inegáveis e a minha trajetória é marcada por isso até hoje. Os caminhos traçados pela sociedade para pessoas como eu é diferente do que escolhi, o questionamento pelo trabalho que exerço continua até hoje com quase quatro anos de trajetória com o Ateliê Araká.

Sonho em um dia confeccionar roupas plus size, era uma das vontades iniciais quando comprei a máquina, sendo um homem gordo desde pequeno sei da dificuldade que tive e tenho até hoje para vestir o que caiba em mim, por muito tempo usei camisas básicas iguais porque não encontrava o que me coubesse.

O nome do ateliê vem em homenagem a Oxumarê, Araká significa arco-íris e por isso tem muita cor em tudo o que eu faço, tanto nas bolsas como na roupa de terreiro. Hoje sigo produzindo a moda que eu sempre quis: roupas de terreiro para santos e seus filhos, peças sagradas e profanas. Uma das minhas maiores realizações da vida é ver um orixá dançando lindo e radiante com o que eu costurei. Esse processo de transformar tecidos e aviamentos em indumentárias dignas para uma divindade é revigorante.

“[...] Estreitei laços com meu pai e descobri que ele gosta de costurar celas de cavalo e meu avô era um alfaiate numa formação interrompida pelo ingresso nas forças armadas, mais tarde soube que minha avó costurava quando mais nova e minha mãe pegava na máquina de vó para fazer abainhados.[...]”



estética é fundamento



Legenda: Stéphanie Moreira, mentora, afroempreendedora, artista performer, antropóloga e doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos/UFBA.

Crédito da imagem: Stéphanie Moreira
Instagram: @negrocharme.nc

Criada em 2011, a Negro Charme tem funcionado como um laboratório criativo que alimenta a intersecção entre moda, arte e identidade na cidade de Natal. Experimentamos possibilidades estéticas afrocentradas na produção de acessórios e vestimentas e construímos discursos visuais para o empoderamento da população negra através especialmente da fotografia, performance e audiovisual. Na vanguarda da produção em moda afropotiguar, nosso foco é oferecer produtos e serviços (direção de arte, figurino e acessórios cênicos) pautados em uma estética afrocentrada.

Fomos nascendo da experimentação, o que tornou possível a fluidez artística de forma que consolidamos nosso conceito e identidade, a partir dos quais orientamos nosso modelo de negócios.

Nosso primeiro experimento fotográfico chamado Ribeira Negra foi realizado em parceria com a fotógrafa Isadora Gomez (Isa) no ano de 2012, em Natal com as modelos Cláudia Moreira e Stéphanie Moreira, em experimentações analógicas.

Em 2012, o processo era quase completamente sensitivo, em suas primeiras descobertas,

um contato-improvisação e o tempo dilatado da deriva. “A rua” foi nosso terceiro experimento fotográfico realizado em abril de 2016, em Natal, testando panos, peças, vestindo a rua de algumas estampas. Surgem os primeiros maxicolares Negro Charme que agora estão sendo estudados e reformatados. 2016, foi nosso aniversário de cinco anos, comemorado com o lançamento do nosso primeiro editorial chamado Afrobrasilidade, produzido em parceria com Amanda Medeiros, e a realização do I Encontro de Moda Afropotiguar em Natal, RN.

Ainda nesse ano, produzimos a coleção Charme Urbano, e construímos um catálogo em parceria com o fotógrafo @guiclementino_ onde brincamos com modelos e estampas potiguares e guineenses, nessa busca por construir uma perspectiva possível para a estética afropoty.

Mudamos para Salvador, o ritmo da produção diminuiu para dar passagem a um período de formação no doutorado em Estudos Étnicos e Africanos, e me permiti um período de viagens em realização de pesquisas sobre culturas afrolatinoamericanas entre Brasil, Colômbia e Uruguai que foi transformador para nossas perspectivas profissionais e criativas.

Começamos 2020 com a meta de retomar a produção e as vendas, bem como salientar a marca como ponto de convergência de vários processos artísticos e investigativos. Procuramos oportunidades de atualização profissional e, em março de 2020, participamos do Programa DICE Fellowship, parceria entre o British Council e o Sebrae Bahia em Salvador.

Tendo que retornar a Natal por ocasião da pandemia da Covid-19, focamos então em trabalhar o relacionamento com o público local bem como reestruturação do negócio visando oferecer produtos e serviços de forma totalmente virtual.

Realizamos alguns trabalhos na confecção de acessórios cênicos para a Nação Zamberacatu; figurino e acessórios para a cantora Clara Pinheiro, e a direção artística da capa do seu disco Volte e Pegue; figurinos para espetáculos de dança-teatro como Qual é o seu nome? da atriz Juliana Iyafêmi.

Em fevereiro de 2021, lançamos a coleção Mãe de Peixe, essência feminina, poderosa e amorosa. Nossa equipe entrou em imersão criativa para reverenciar Iemanjá no dia 2 de fevereiro. Nos inspiramos na Iemanjá Ogunté, que habita as profundezas do mar, carrega a suavidade da água e a presença de Ogun.

Foi no mar e nas lagoas da praia de Búzios que estivemos em residência artística para construção de uma fotoperformance e apresentar as novas peças da Negro Charme. A equipe é a magia, a gente ama fazer arte.

Negro Charme completa dez anos em 2021, se reformula, volta às origens ao experimentar possibilidades estéticas, criações e novas formas de atuação profissional. Hoje entendemos que nossos superpoderes residem, além da criação de arte e moda, na capacidade de juntarmos outras potências pretas potiguares para trocar, construir e principalmente aprender de cada um e cada uma delas. Afinal, para nós, Estética é Fundamento.

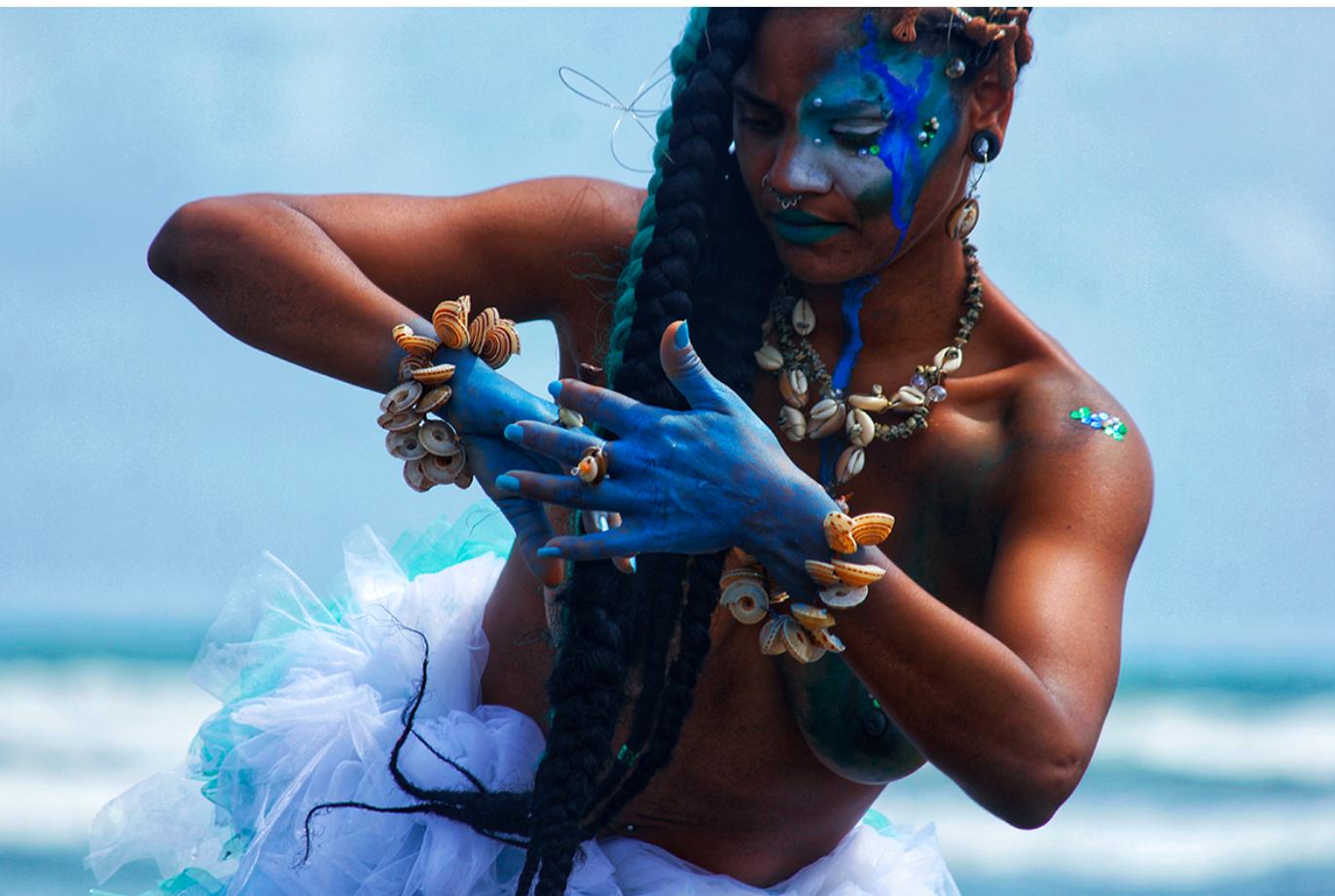
“[...] Fomos nascendo da experimentação, o que tornou possível a fluidez artística de forma que consolidamos nosso conceito e identidade, a partir dos quais orientamos nosso modelo de negócios. [...]”



Crédito da imagem: Stéphanie Moreira



Crédito da imagem: Gui Clementino



Crédito da imagem: Augusto Júnior



Crédito da imagem: Stéphanie Moreira



Crédito da imagem: Matheus Aires



Crédito da imagem: Isadora Gomes

The Youngest Image Co
gallery



Crédito da imagem: Isadora Gomes



a energia que contorna o abstrato



Legenda: André Flores
Crédito da imagem: André Flores
Instagram: @oficinaandreflores

Iniciei-me como autodidata sem nenhum conhecimento prévio da arte, eu, André Flores não fui impedido pela convenção em minha abordagem ao torneamento de madeira. Desde o início, sempre devotei minhas energias às mesmas questões artísticas nas quais trabalho desde sempre.

Mesmo hoje eu esculpo formas semelhantes repetidamente, improvisando pequenos detalhes que trazem a sensação de unicidade, cada objeto é único. Por seguidas vezes justaposto estruturas e perfis para criar um todo que é completamente novo, até então desconhecido, até mesmo para mim.

Embora eu sempre estivesse à procura de madeiras preciosas e exóticas, passei a preferir madeiras nativas, algumas raras. Os troncos usados são de árvores que sofreram ações naturais ou podas urbanas, como Jaqueira, Ipê, Tendo, Carolina e principalmente, Acácia. Meus processos com o torno, sugerem transformar formas ásperas em objetos com suntuosidade subjetiva e abstrata, uso exclusivamente madeira úmida.

Os meus primeiros trabalhos na oficina exibem habilidade precisa, foco, paciência e design bem definido; o resultado é a expressão característica do improviso e da excentricidade. Meus recipientes mais recentes empregam formas e superfícies minimalistas e arcaicas para realçar a beleza da madeira naturalmente.



encenando para realizar o impossível



Legenda: Alessandra Augusta, graduanda em Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atriz e produtora cultural na cidade de nascimento, Natal/RN.

Crédito da imagem: Ian Rassari
Instagram: @nega_augusta

Tive o primeiro contato com o teatro em 2007, através de um projeto social chamado ArteAção² patrocinado pelo Instituto Ayrton Senna e Cosern com a realização da Casa da Ribeira. Gostei bastante dos professores e do processo de aprender a fazer teatro, não achava que fosse me tornar artista e viver da profissão. O objetivo do ArteAção² era o desenvolvimento humano através da arte e acabou formando vários artistas nas áreas do teatro, da iluminação cênica, da cenografia, designers gráficos, figurino, moda e enfim.

O projeto me atizou um desejo em querer estar em cena, acredito que o estar em cena é mágico, é potente, é o lugar onde é permitido

realizar, ser, coisas impossíveis. Depois dessa formação do projeto social com duração de quase quatro anos, foi criado o Grupo Casa da Ribeira de Teatro, gosto de dizer que os primeiros anos de carreira são os anos de aprendizado e de alguma forma um trabalho mais amador, já que está se construindo uma trajetória. Daí por diante atuei como atriz nos espetáculos *Uma História de Lenços e Ventos* (2007) de Ilo Krugli, *Rinocerontes* (2008) de Eugène Ionesco, *Gesto, Cascado* (2009) de Henrique Fontes. Com o tempo fui aprendendo algumas questões que o teatro provoca e desaprendendo também, penso que a cada processo criativo a atriz ou ator precisa se esvaziar de si para criar algo novo.

O teatro me proporcionou interpretar mulheres muito fortes como “Maria” quando fui convidada em 2011 para dividir a cena com Quitéria Kelly, remontando o espetáculo *Pobres de Marré* do Grupo Carmin de Natal/RN, e já de cara tínhamos algumas apresentações pela frente em outros estados. Em 2021, tive o prazer de estar presente na nova remontagem do espetáculo, desta vez contracenando com Ana Luisa Camino. Dei vida a Darluz no espetáculo *Margem Ribeira* (2014) da Bololô Cia Cênica e *Dona Indalácea em Memórias do Alecrim* (2015) do Grupo de Teatro Para Eu Parar de Me Doer.

2016 foi minha primeira experiência com o audiovisual potiguar, na websérie *Septo* da produtora Caboré Audiovisual, nas suas três temporadas no Youtube. Nunca havia pensado sobre fazer cinema, é totalmente diferente da estética do teatro, então decidi que iria começar a participar dos testes para ver no que dava. Alguns testes foram dando certo e fui me aventurando na frente da câmera. Em 2018, atuei no Curta-metragem *A Natureza do Homem* de André Santos, também da produtora Caboré Audiovisual, no mesmo ano também fiz uma participação na super série *Onde Nascem os Fortes* de Zé Villamarim (Rede Globo). Em 2019 participei do Curta-metragem *Vai Melhorar* de Pedro Fiuza, da Casa da Praia Filmes e também no Longa-metragem *O Alecrim e o Sonho* de Valério Fonseca em Natal/RN, que ainda não foi lançado

e em 2020 compus o elenco do Curta-metragem *Mais um João* de Athos Muniz em Natal/RN. Foram muitos trabalhos que me dediquei e que colaboraram para minha formação de atriz.

Eu acho que as mulheres negras estão cada vez mais mostrando seus trabalhos seja no teatro, na dança, nas artes visuais e em outras áreas. Acompanho o trabalho de algumas amigas e gosto bastante. Eu penso que não existe um lugar para mulher negra no teatro, a artista em si é quem desenha esse lugar e o toma como seu ao longo da vida. O incentivo para a cultura no estado é baixo, então às vezes as oportunidades são pensadas pelos próprios artistas, que precisam se manter. Em Natal, RN, não tenho conhecimento de algum Grupo de Teatro Negro ou mais específico uma disciplina dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que pense a/o artista negra/o, estudo lá e sinto essa necessidade de que haja mais atividades, ações formativas dentro do departamento de artes. Existem muitos artistas “negres” independentes no RN que movimentam sua arte e vão conseguindo se firmar no meio, e eu sou uma dessas.

Tenho um projeto que atualmente estou executando chamado *Pele Preta* - escrita dramaturgicamente coletiva aprovado em um dos editais da Lei Aldir Blanc - FJA, que se dá na escrita de uma dramaturgia que fala sobre histórias de mulheres negras, dentre elas, vou emprestar ao processo criativo as memórias de minha matriarca. A ideia inicial é desenvolver essa dramaturgia e futuramente montar o monólogo teatral que eu estarei em cena. Essa pesquisa é sobre histórias de dor, de discriminação racial, mas também de sonhos, de amor, de leveza e será também meu TCC da monografia, atividade de finalização de curso. Pretendo por hora montar um monólogo, mas penso na possibilidade de ter mais atrizes negras em cena, compartilhando experiências, reverberações. Tenho um desejo enorme e guardo comigo um grande carinho pelos textos e contos do escritor pernambucano Marcelino Freire, com suas personagens viscerais como “Darluz” em *Balé Ralé* que já montei em 2014, “Da Paz” em *Recife*, “Vanicléia” em *Contos*

Negreiros, e tantas outras que sinto vontade de criar, mergulhar nos universos, gostaria de realizá-los um dia no teatro ou no cinema.

“[...] acho que as mulheres negras estão cada vez mais mostrando seus trabalhos seja no teatro, na dança, nas artes visuais e em outras áreas. Acompanho o trabalho de algumas amigas e gosto bastante. Eu penso que não existe um lugar para mulher negra no teatro, a artista em si é quem desenha esse lugar e o toma como seu ao longo da vida. [...]”



olhando detalhes e comportamentos sociais



Legenda: Damiano Paz, fotógrafo potiguar
Crédito da imagem: Damiano Paz
Instagram: @damiaopaz_

Aprendi a amar o mundo da fotografia desde a infância. Eu adorava observar o mundo registrado, fosse em revistas, álbuns de família, e tudo que trouxesse a captura de um momento em um registro fotográfico. Atuo na área da fotografia de eventos sociais, fotografia autoral e organização de eventos voltados para a fotografia.

Atualmente eu venho buscando fotografar detalhes e comportamentos sociais e culturais do povo potiguar em comunidades do interior do estado do Rio Grande do Norte, fazendo um resgate das minhas próprias origens tanto indígenas como afro, que, também é a mesma origem da maioria dos potiguares. Minha pesquisa está ligada e influenciada por questões raciais. Por eu viver em comunidade, por minha família ter origem no interior do estado, me sinto no dever de registrar as pessoas e suas culturas por onde eu passo, por fazer parte desse povo e ter laços parentais e memórias afetivas que me guiam nessa busca e pelos caminhos da ancestralidade.

>>galeria damião paz<<

<https://youtu.be/Snb4gDCThuw>

<https://www.damiaopaz.com.br/>

https://www.instagram.com/damiaopaz_/

<https://www.instagram.com/damiaopazfotografia/>

<https://youtu.be/96yacEB6CdY>

CARAVELA

e-REVISTA POTIGUAR DE CULTURA E ARTE

vol. 2, nº 5, jan-mar/2021
natal – rio grande do norte
periodicidade trimestral





















uma voz que ecoa o lírico



Legenda: Lu Sabino, cantor de ópera
Crédito da imagem: Gabi Monteiro
Instagram: @luciano.sabino.costa

Lu Sabino nasceu em uma família mista, pai branco e mãe negra. Da parte paterna, mestiços de uma mistura de holandeses e negras brasileiras, por parte materna muito se perdeu no passado de escravidão angolana.

Minha avó paterna, mesmo em condições de pobreza, conseguiu incentivar seus filhos ao estudo e carreira militar. E como forma de garantir que não seriam dispensados, fez todos estudarem música numa bandinha marcial da cidade - Vitória de Santo Antão, no Rio Grande do Norte, para que já entrassem com uma patente musical. Assim surgiu a influência da música clássica em minha vida. Era comum ver e escutar meu pai tocando seu saxofone ou clarinete em casa horas a fio. Quando não era isso, era as playlists de concertos, sinfonias e óperas que ele escutava enquanto descansava. Mesmo sem ligar muito pra isso, a gente aprende por osmose. E quando menos se percebe você está repetindo uma melodia ou imitando um cantor de ópera.

Dos irmãos, sempre fui o filho ligado às artes, desenho, teatro, dança e entrar na música foi um passo natural. Decidi que iria aprender um instrumento musical e encantado com uma apresentação da OSRN, escolhi o violino. Mesmo a contra gosto, meu pai me ajudou, apesar dele ser músico, seu salário vem da Marinha, poucas as vezes que meu pai tocou na noite, e ele sabia muito bem que não era uma vida fácil. Então não tive muito incentivo a levar a música com seriedade ou como carreira musical. Era apenas um adolescente com um violino brincando de fazer música. No meio dessa jornada musical me encontrei como cantor. Já tinha um ouvido treinado e brincava em casa de imitar os grandes cantores de ópera: Pavarotti, Plácido Domingos e arriscava falsetar vozes femininas como Maria Callas e Jessye Norman. Quando me dei conta já havia largado o violino e só estava me dedicando as aulas de canto.

No meu primeiro vestibular tentei entrar para o curso de jornalismo, mesmo querendo fazer a graduação em música, mas não podia dar essa “desfeita” para meus pais. Quem nunca escutou “Música não dá dinheiro!”, então graduação em música estava fora de cogitação. Tentei duas vezes entrar em jornalismo, sem sucesso e no terceiro vestibular fiz para Turismo e passei. Cursei e desisti, fiz o vestibular novamente pra música e passei. Tive contato com um universo musical incrível, era ali que meu coração estava, era ali o lugar que pertencia. Estava aprimorando minha vocação e estudando de forma prazerosa tudo que me era ofertado. Bom, nem todos tem a sorte de ter pais compreensivos e que apoiem suas decisões, não foi o meu caso. Eu era um jovem adulto, estudante de música que gerava despesas, que ganhava uma mesada e não contribuía em casa, logo estudar música se tornou um problema. Tive que começar a trabalhar e com isso todo meu empenho e foco se perdeu. Como sempre fui das artes, sabia usar softwares para colorir e editar minhas ilustrações, e foi isso que me abriu as portas para entrar no mercado

publicitário. Entrei e não sei mais, mesmo não sendo aquele emprego dos sonhos musicais, de viver de arte, aquilo de certa forma me dava prazer também.

Mais uma vez tive que abrir mão dos meus sonhos. Consolidar-me no mercado e acabei desistindo da graduação em canto. Depois de dois anos parado, voltei a graduação, sigo me esgueirando com o tempo para conseguir cursar as disciplinas, muitos professores me ajudam, mas no dia-a-dia já sou um homem cansado da jornada de trabalho. Sempre repito para mim “posso ter perdido tempo, mas não perderei conhecimento”.

Ao longo dos anos estudando música nunca havia parado para me questionar sobre o negro na música clássica. Como vim de uma família mista, era comum estar em lugares que só havia maioria branca e que provavelmente por eu não ser um negro de pele retinta, acabava passando despercebido e não sofrendo preconceito de forma direta. No universo erudito da música, quase que absoluta, é composta por homens brancos europeus, retratando histórias, contos e culturas de pessoas brancas. Os personagens das óperas são brancos e os personagens negros são apenas figurantes, escravos e sem falas. Os negros foram esquecidos ou apagados da história da música clássica. Os poucos que existem não são tão divulgados ou cultuados como os grandes nomes. Afinal quem é *Chevalier* de *Saint-Georges* ao lado de *Mozart* e *Bach*?

Quando cantamos uma ária de ópera sem encená-la, está ok. Mas, quando se monta um espetáculo completo com figurino, cenário, e etc., o problema aparece. Nem todos os diretores aceitam mudar a cor do protagonista ou da jovem mocinha. Os grandes nomes da música clássica são brancos, ainda existe uma cultura elitista que afasta e afugentam os negros neste universo. Hoje temos mais visibilidade, temos mais vozes e temos todo direito de ocupar esse espaço também. Busco em minhas apresentações, cantar repertório de compositores nacionais e ressaltar músicas com teor folclórico regional. Mesmo sem aqueles grandes sonhos

e cobiças de adolescente, espero estar me tornando exemplo para muitos, incentivando a outros cantores líricos a buscar esse repertório.

Hoje em meu currículo já participei de *Masterclasses* com diversos professores, tais como a Soprano Amarilis de Rebuá, o Barítono alemão Johannes Martin Kränzle, o tenor americano Stefano Algieri, barítono Miguelângelo Cavalcanti, o Regente Linus Lener e a Soprano Hispano-Brasileira Maristela Gruber. Atualmente, participa do Grupo de Ópera Canto Dell'Arte como Coralista e Solista desde 2004, apresentando óperas como *Dido & Aeneas* (Purcell), *Bodas de Figaro* (Mozart) e *Orfeo ed Euridice* (Gluck). Apresentei juntamente com Grupo de Ópera Canto Dell'Arte e a Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte (OSRN) o *Glória in D Major* de *Vivaldi*, *Requiem* de Mozart, e a Cantata Profana *Carmina Burana* de Carl Off.

“[...] No universo erudito da música, quase que absoluta, é composta por homens brancos europeus, retratando histórias, contos e culturas de pessoas brancas. Os personagens das óperas são brancos e os personagens negros são apenas figurantes, escravos e sem falas. Os negros foram esquecidos ou apagados da história da música clássica. [...]”

Links:

<https://www.youtube.com/watch?v=kS7j-J7Sa9A>

<https://www.youtube.com/watch?v=W1P1CrRZwiA&t=51s>

https://www.youtube.com/watch?v=qrKitviy_mY



escutar é uma arte



Legenda: Herison Pedro Mateus de Souza, técnico de som, artista do audiovisual.
Crédito da imagem: Adeilson Alves
Instagram: @herisonpedro

Em 2012, eu tive o prazer de participar de um dos primeiros editais de política afirmativa para jovens cineastas e diretores e produtores negros do Brasil, que foi o curta afirmativo 2012/2013, foi onde eu conheci pessoas de várias partes do Brasil, que são realizadores e se formou um coletivo, o qual foi muito importante para as lutas raciais, dentro do setor do audiovisual. Foi a partir daí que eu consegui enxergar o audiovisual como um ato político, que o cinema é um ato de fazer política também.

Eu chego nesse edital com a proposta do filme: *Ubuntu, a África em Natal*. O filme tem por objetivo que estudantes africanos narrem a sua trajetória e como se dá essa trajetória e como estar fora do seu país e ser estudante universitário no Brasil, enfim, sua trajetória como um todo. Realizei esse filme, que foi o ponta pé pra iniciar a caminhada dentro do audiovisual. Até

então eu só tinha uma noção do que era câmera. Mas, meu departamento atual, desde 2014, é o departamento de som. Sou técnico de som direto, e hoje em dia, eu estudo desenho de som também, som design.

Tenho feito pequenos filmes independentes, fazendo desenho de som. Já fiz filmes em vários outros estados do nordeste, tive a oportunidade de viajar para três países de África: Cabo Verde, na Ilha de Santiago, fiquei um tempo em Dakar, no Senegal e um tempo na Guiné Bissau. Pude conhecer lugares em que alguns estudantes que entrevistei residem, sua cultura, e os costumes de como é. Criei relações com essas pessoas do continente africano, cheguei a rever alguns dos estudantes que fiz amizade aqui em Natal.

Fiz um filme documentário, ainda sem nome, mas trata das crianças que são introduzidas à cultura islâmica e alguns formatos de aprendizado os classificam, numa visão geral, como mendigos. Eles passam por um processo de “mendigagem”, entre aspas né? Que é um dos ensinamentos impostos pelos sacerdotes alcorânico, como uma forma de aprender a humildade né, estando na rua. E isso é mal visto, aparentemente você acha que as pessoas são mendigas, mas nem sempre são e estão naquela condição por uma ideologia imposta por um determinado aprendizado aplicado por esses sacerdotes. Não são todas as crianças, e a gente se desdobra para outros assuntos, orfanatos que são como ajuda humanitária e qual é a posição desses sacerdotes que cuidam de crianças?

Minha trajetória no som foi fazendo, não só o som do meu filme, mas sendo introduzido aos poucos, sendo encantado por esse universo sonoro, que é fazer captação de som. Aprender a captar o som da forma mais adequada. Tive a oportunidade através de um amigo, o Gustavo Guedes, que me fez o convite para ser assistente, no caso, microfonista de uma *web série* aqui da cidade, *Septo*. E nisso fui ficando curioso, e já numa próxima etapa, um ano depois, chegamos a fazer um outro filme documental. E no ano seguinte através de muito estudo, pesquisando na internet e lendo apostilas de cursos e técnicas

de captação direto e investindo em alguns equipamentos de entrada, fui me achegando dessa coisa do que é ser técnico de som.

Eu já estava acostumado com os encantamentos do som direto, e essa foi minha busca. Aí tem uma coisa né, que a maioria dos cursos é voltado dentro do audiovisual para captação de imagem e isso torna bem carente o mercado de formação e informação sonora no audiovisual. primeiro que existe poucos professores dentro das escolas, que são técnicos de som direto ou que sejam da área. O setor é meio que escanteado, na questão do ensino, mas a gente vai buscando conhecimento de várias formas, trocando ideia. Sou integrante do grupo Som direto Brasil, que tem técnicos de som de todo país, desde os iniciantes aos que estão dentro da cadeia maior do audiovisual, profissionais de muitos anos, que também é o local de aprendizado e garimpagem de materiais. Outra coisa que contribui para escassez é que a literatura também é pouca. A maior parte são de trabalhos acadêmicos, então tenho que mergulhar nesses trabalhos para garimpar. Mas, em suma, é muito da experiência do fazer, buscar conhecimento técnico e treinar o ouvido né? A escuta para melhor compreender o universo e captar som da melhor forma possível para os filmes. O objetivo do técnico de som direto é esse né? É fazer a melhor captação para se ter um melhor som do filme.

Hoje em dia eu me encontro no departamento e não pretendo mudar tão cedo, creio que o caminho é esse. Venho buscando estudo, trocando ideias com grandes profissionais que trabalham na grande indústria e assim vou me formando nessa escola da vida, que é o fazer. Ter o estudo teórico, mas também experimentar as possibilidades na prática é de suma importância.

Um outro caminho que ando trilhando é o da sonorização dos processos fonográficos, uma coisa mais voltada para o universo da música, estou bebendo nessa fonte também, através de um curso técnico da Pracetum, que é uma escola da Bahia que já formou muito músico, técnicos e hoje eu me encontro aluno do curso técnico

de processos fonográficos e também na busca do conhecimento desse universo da fonografia.

Sigo conhecendo pessoas, trabalhando em diversos campos que o som atua, recentemente fiz um filme em Salvador/BA, um filme bem diferente, gravado com celular. Uma estética de imagem e som bem diferente do mundo em que já captei som. Foi uma experiência bacana. É sempre um novo desafio. Tive também a oportunidade de sonorizar uma peça de teatro com um técnico de som da Bahia.

Deixo aqui uma mensagem final de que o mercado do Rio Grande do Norte carece desses profissionais técnicos de som, que é uma função super importante e que as pessoas também busquem o estudo e o conhecimento do que é a captação de som para filmes, particularmente falando com as pessoas da área do audiovisual, que busquem entender esse departamento que é tão precioso quanto a imagem, com sua importância e devido cuidado com o som do filme. Dialogar mais, pensar o som nas suas diversas estruturas do filme. O som no roteiro, na pré produção. O quanto o som pode interferir nesse processo, e também as condições de trabalho para essa captação de som, o reflexo que isso tem na pós produção. É isso, estudar, se atualizar, trocar ideia, buscar conhecer técnicas, equipamentos, formas e formatos desde os gravadores mais simples até os mais complexos, que muitas vezes não temos acesso por estar num nível de mercado que não demanda certos equipamentos. É importante estar sempre curioso, pra saber como funciona, perguntar e fazer o máximo, explorar a ferramenta que se tem em mãos pra fazer essa captação da melhor forma possível.

A questão do negro no audiovisual do Rio Grande do Norte, tá engatinhando dentro desse processo que é formar equipes pretas e eu ainda sinto falta de uma demanda de formação dessas pessoas. Formar tecnicamente, não só tecnicamente como profissionais da área. Tá faltando isso né? Chegar mais junto na área da formação, pensar nessas pessoas como possibilidade de novas narrativas, novas perspectivas do cinema

negro, do pensar negro, das linguagens negras mesmo. É importante frisar e nós, com o conhecimento que a gente tenha possa formar outras pessoas, se munir de conhecimento para passar, compartilhar, trocar e inserir essas pessoas. Pensar o afrofuturismo como narrativa dentro do cinema. Estou aberto, para quem quiser chegar e seguir, ouvir pra sanar dúvidas. Afinal, escutar é uma arte!

“[...] A questão do negro no audiovisual do Rio Grande do Norte, tá engatinhando dentro desse processo que é formar equipes pretas e eu ainda sinto falta de uma demanda de formação dessas pessoas. Formar tecnicamente, não só tecnicamente como profissionais da área. [...] Chegar mais junto na área da formação, pensar nessas pessoas como possibilidade de novas narrativas, novas perspectivas do cinema negro, do pensar negro, das linguagens negras mesmo. [...]”

www.herisonpedro.46graus.com 

transceder e transformar-se através da arte



Legenda: Gaby Adaaayo
Crédito: Pedro Feitoza
Instagram: @adaayo

Solar
Muitas águas correm aqui
Profundas
Entrego-me a elas, mães do mundo.
Se quando onça corro destemida nas florestas
à noite
Sendo sereia banho-me nas águas douradas
que refletem o sol da minha cidade Natal
Sou do litoral
Agridoce
Gaby Varela

Escrever sobre mim é escrever sobre as minhas, então começarei falando sobre as que vieram antes partindo da minha linhagem materna. Sou bisneta de Vovó Maria (Maria do Carmo), uma mulher negra beirando os 105 anos

de idade, que passou boa parte de sua vida sendo agricultora e hoje mora na Zona Norte, apesar da idade já bem avançada é lúcida e muito danada. Sou neta de Vovó Belza (Francisca) ou Bezinha, como muitos a chamam, durante boa parte de sua vida também desenvolveu atividades ligadas ao roçado dedicando-se em seguida ao lar e a criação de seus 5 filhos. Por início, e não fim, sou Filha de Mainha (Edna Maria) que é pedagoga, sendo uma das pessoas mais importantes no meu processo de desenvolvimento artístico. Toda criança recebe uma gota de sangue tirada do coração da mãe para que o seu próprio coração (IB) seja formado, assim acreditavam os povos Keméticos, uma das primeiras e mais antigas civilizações do mundo que viveram no território conhecido hoje como Egito. O IB (coração) refere-se tanto ao coração físico como ao seu aspecto metafísico e ele é um dos princípios formadores do ser humano de acordo com a filosofia desse povo. Assim, essa gota de sangue nos é transmitida do mesmo modo que as mitocôndrias, células que recebemos unicamente da nossa mãe e é partindo dela que conseguimos voltar no tempo chegando em nossa mais antiga ancestral através do mapeamento genético.

Oloyá, Leandra da Silva, nos lembra no início do seu texto “Que Oxum nos dê olhos de ver Vênus. É ano novo no Céu”, que é pela íris dos nossos olhos que nossa mais antiga ancestral mira a lua. E assim é. A íris dos nossos olhos é como as nossas digitais, não existem outras iguais as nossas. Sabendo disso é fácil compreender que cada uma de nós carrega um universo particular, apesar de o firmamento ser um só.

Sou a quarta geração de uma família negra monoracial e hoje esse é um detalhe familiar que ganha cada vez mais importância para mim. Se hoje sou Dofonitinha de Oxum, Gaby, Adaaayo é porque longos e cansativos foram os passos dessas mulheres que me permitiram poder estar aqui agora criando a minha arte falando sobre nós nos últimos 26 anos. Gosto de pensar que tudo que faço hoje já faço há muito tempo, fui uma criança muito cheia de criatividade, esperta e minha ligação com artes em suas múltiplas

linguagens sempre foram algo que me tocaram profundamente me chamando não só atenção, mas me fazendo mergulhar completamente nesse mundo de cores e possibilidades. Na escola eu estava em todas as peças de teatro, nas apresentações dos dias comemorativos e nas produções de coreografia. Aprendi a ler cedo, minha mãe trazia muitos livros que suas amigas de trabalho mandavam para mim e chegou um momento onde eu mesma criava as minhas histórias. Meus pais passavam o dia trabalhando e eu sendo filha única só tinha a minha própria presença para brincar e inventar um milhão de coisas.

Se agora percebo-me enquanto uma multiartista é por causa da minha criança, porque foi nessa época que eu comecei a fazer tudo que faço hoje. Sou escritora, compositora, artista visual, artesã, cantora e uma porção de outras coisas que com o tempo me forçaram a esquecer dizendo que não era importante, mas que hoje minha criança insiste em me lembrar todos os dias, por isso a honro e a busco constantemente. São diversos os processos que muitas vezes fazem a gente não botar muita fé nos trabalhos que fazemos e no nosso potencial, quando se é uma mulher preta, isso ganha dimensões bem maiores. O racismo estrutural da nossa sociedade todos os dias coloca vendas em nossos olhos nos impedindo de enxergar o quanto somos potentes e o quanto nós temos a contribuir para a construção de novas realidades, onde nós mesmas somos o ponto de partida. Tudo começa dentro de nós, mas para isso existe a mobilização de toda uma comunidade que nos dá as mãos, pernas, braços e se puder o corpo todo para nos auxiliar, nos fazendo perceber que estamos vivas e que nada do que aconteceu lá atrás foi capaz de arrancar aquilo que temos de mais precioso, a nossa capacidade de transformação. É dessa nossa capacidade que vem o quilombo, que vem as religiões de matrizes africanas, que vem a nossa música, a nossa cultura e a nossa arte de maneira geral.

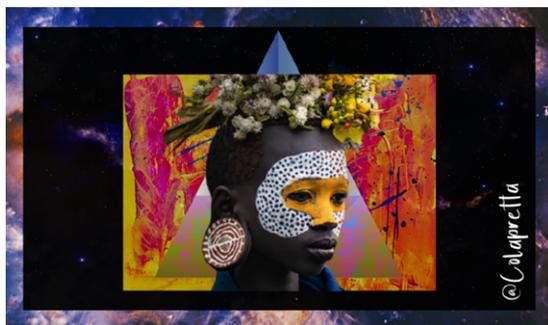
Assim como muitos irmãos e irmãs já me boicotei muito, já achei que não seria capaz várias vezes, já pensei que não era boa o suficiente e as vezes isso ainda acontece. Libertar-se das

correntes mentais trazidas pela colonização das nossas “corpas” é um processo diário. Conheci o candomblé em 2015 e me iniciei em 2019, sou feita para Oxum, recebi um novo nome e o passaporte de um mergulho para dentro de mim que tem me permitido nutrir uma nova consciência. Hoje muitas coisas são diferentes, pois existe a busca por uma Orí saudável a partir das tecnologias ancestrais deixadas por aqueles que foram arrancados de onde nunca deveríamos ter saído, o coração do mundo, o IB primordial. É muito Ebó comido em toda primeira sexta-feira do mês, muito Laroyê em cada poesia recitada onde a primeira sempre será a dele, senhor das ruas. Muito Ogunhê quando estou tocando, dançando e cantando com a minha Nação Zambêracatu na rua e muito yeyeô em cada conquista e oportunidade de mostrar ao mundo aquilo que vim fazer aqui quando nasci. Transformar pensamentos, realidades e trajetórias a partir da minha arte, começando por mim mesma.

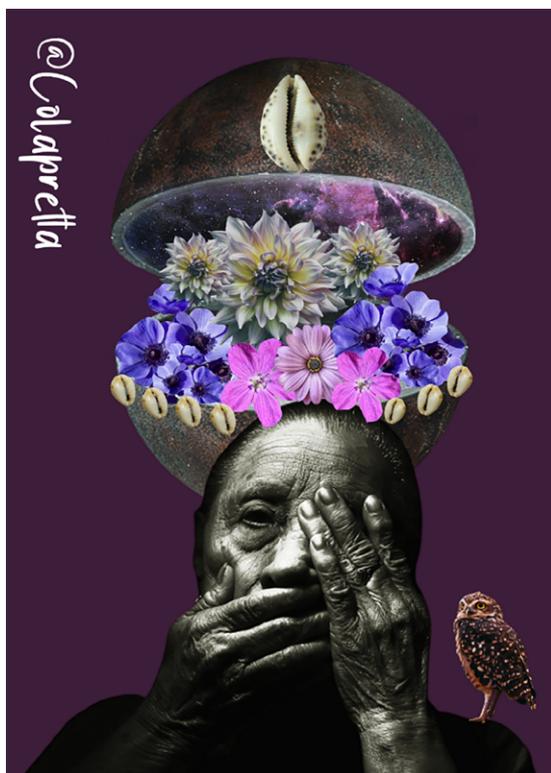
Em 2016 me formei no curso de Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e desde então venho me dedicando no campo da pesquisa dentro da temática étnico racial, sou especialista em História e Cultura Afrobrasileira e mestranda do programa de Pós Graduação em Antropologia Social também da UFRN. Sou estudante do curso de Pedagogia e em diálogo com a minha vida acadêmica tenho construído minha arte através de múltiplas linguagens. Sendo batuqueira e uma das cantoras da Nação Zambêracatu, tocando, compondo e brincando na cultura popular. Desenvolvendo trabalhos artesanais, como a criação de bonecas de pano pretas e a construção de Agbês. Produzindo artes visuais por meio das colagens na página @colapretta, que surge com a chegada da pandemia, e sempre transformando tudo que consigo em arte. Busco contribuir e apresentar outros olhares que permitam a construção de novas narrativas e perspectivas sobre a ancestralidade negra, tendo como referencial os valores civilizatórios africanos do continente e da diáspora.

Ser uma mulher negra, nordestina e de terreiro me faz criar uma arte com cor, com

territorialidade e com história. Não faço nada só, gosto de pensar e tenho certeza que as minhas ancestrais me conduzem e sopram em meus ouvidos tudo que falo e crio. Minha arte é sobre um legado deixado pelas primeiras que pisaram nesse mundo, os primeiros úteros que deram origem a tudo que existe e podemos ver. Minha arte é para me/nos lembrar e nunca esquecer disso. Mojubá.



Colagem sem título - @colapretta
Crédito da imagem: Intervenção artística de Gaby Adaaayo em imagem de domínio público



Nanã Série Orixás - @colapretta
Crédito da imagem: Intervenção artística de Gaby Adaaayo em imagem de domínio público



Oxum - @colapretta
Crédito da imagem: Intervenção artística de Gaby Adaaayo em imagem de domínio público



Colagem sem título - @colapretta
Crédito da imagem: Intervenção artística de Gaby Adaaayo em imagem de domínio público

CARAVELA

e-REVISTA POTIGUAR DE CULTURA E ARTE

vol. 2, nº 5, jan-mar/2021
natal – rio grande do norte
periodicidade trimestral

[...] Sou a quarta geração de uma família negra monoracial e hoje esse é um detalhe familiar que ganha cada vez mais importância para mim. Se hoje sou Dofonitinha de Oxum, Gaby, Adaayo é porque longos e cansativos foram os passos dessas mulheres que me permitiram poder estar aqui agora criando a minha arte falando sobre nós nos últimos 26 anos. Gosto de pensar que tudo que faço hoje já faço há muito tempo, [...]

Links:

Instagram das Colagens: <https://www.instagram.com/colapretta/>

Instagram Pessoal: <https://www.instagram.com/adaaayo/>

Poemas:

<https://www.instagram.com/p/CKkfdHyBwN6/> Com amor para Exu - primeiro lugar na categoria poesia no Festival Literário de São Miguel do Gostoso 2021

<https://www.instagram.com/p/CKYvIp6AORa/> Esse Ilá que vem de Abeokutá (vídeo poema)

<https://www.instagram.com/p/CHgoBXHljz4/> Adornada

<https://www.instagram.com/p/CA8ua6QHmBU/> Ogum

<https://www.instagram.com/p/CC9BesuF6Jk/> Mulher Búfala

<https://www.instagram.com/p/CJBuubtFQQ3/> Bonecas de pano

<https://www.instagram.com/p/CFVd12HlvI9/> No terreiro

<https://www.instagram.com/p/B5B55MkFIQr/> No maracatu



CARAVELA

e-REVISTA POTIGUAR DE CULTURA E ARTE

vol. 2, nº 5, jan-mar/2021
natal – rio grande do norte
periodicidade trimestral



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

